

ENTREVISTA

06

Gustavo Teixeira
Por Luiza Oliva



EDUCAÇÃO AMBIENTAL

10

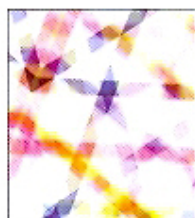
Os jovens e a questão ecológica
Por Bernard Charlot e Velcida Anahi da Silva



EDUCAÇÃO AMBIENTAL

16

Caleidoscópio
Por Michèle Sato



EDUCAÇÃO AMBIENTAL

23

O melhor lugar do mundo:
pensando e escrevendo sobre o planeta azul
Por Christine Fontelles



PERFIL DA ESCOLA

26

Unidade Escolar Felipe Neris Machado
Por Luiza Oliva



09 ESPAÇO INTERDISCIPLINAR

Contribuições de Winnicott para a Educação Infantil
Por Maria Taís de Melo



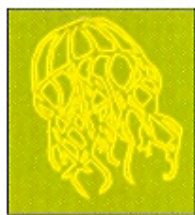
14 PONTOS & CONTRAPONTO

Os pais na escola: participar ou decidir?
Por Jussara Hoffmann



20 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Um apelo à vida
Por Silmara Rascalha Casadei



24 PÁGINA DO PSICOPEDAGOGO

Mostra-me tua agenda e te direi quem teu filho será...
Por Maria Irene Maluf



28 MATEMÁTICA

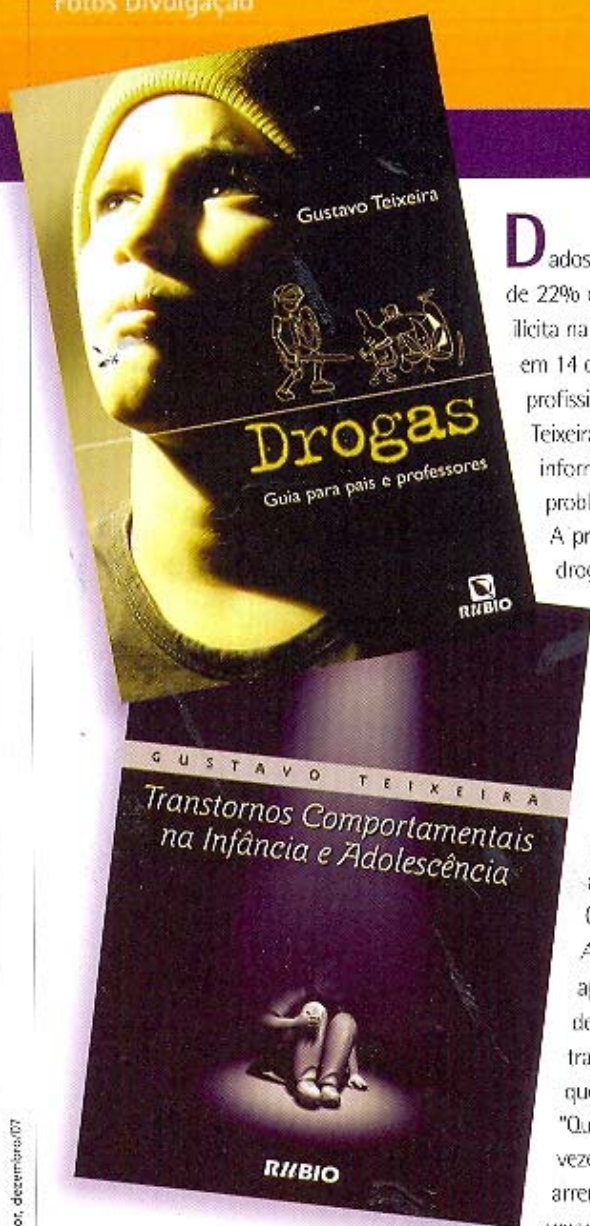
Matemática, tecnologia e educação politicamente incorreta
Por Luis Fábio Simões Pucci



Gustavo Teixeira

O psiquiatra da infância e adolescência acredita que a escola tem papel essencial na prevenção ao uso de álcool e drogas.

Por Luiza Oliva
Fotos Divulgação



Dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicoativas (CEBRID) mostram que cerca de 22% dos jovens brasileiros – um em cada quatro –, já experimentaram algum tipo de droga ilícita na vida, sendo que o uso do cigarro aumenta em 10 vezes as chances do uso de maconha e em 14 o de cocaína. Inspirado nesse dado, e também na constatação de que falta capacitação de profissionais do ensino para lidar com o problema, o psiquiatra da infância e adolescência Gustavo Teixeira lançou o livro *Drogas – Guia para pais e professores* (Editora Rubio). O livro se propõe a informar e auxiliar pais, educadores e profissionais da saúde a conhecer e identificar os principais problemas relacionados às drogas, além de orientar em como buscar tratamento.

A preocupação é pertinente já que o envolvimento do jovem brasileiro com algum tipo de droga tem ocorrido cada vez mais cedo. Ainda segundo a pesquisa do CEBRID, a primeira experimentação de álcool e tabaco ocorre por volta dos 12 anos, enquanto que o uso de maconha e cocaína se dá entre os 14 e 15 anos de idade. Para o psiquiatra, o papel da família e da escola na prevenção ao uso de drogas é essencial. "O lar onde esse adolescente está inserido pode representar um fator de proteção ou de risco ao envolvimento com as drogas. Filhos de pais dependentes de álcool ou drogas possuem até quatro vezes mais chances de se tornarem dependentes", explica. Para lidar com o assunto, informação é fundamental. "Redoma e imposição não funcionam. Pais e professores devem estar bem informados, saber a hora de pedir ajuda e, principalmente, quando se aproximar dos adolescentes", completa.

Outro alerta do psiquiatra, também autor de *Transtornos Comportamentais na Infância e Adolescência*, aponta para o fato de que aproximadamente 89% dos jovens usuários de drogas apresentam outro diagnóstico psiquiátrico associado. Transtorno de conduta, transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), depressão, transtorno bipolar de humor e transtornos ansiosos podem servir de porta de entrada para essas substâncias. Teixeira acredita que o pior vilão da saúde mental infantil é a ignorância de pais e professores sobre o assunto. "Quando a criança dá os primeiros sinais de um transtorno, os adultos mais próximos muitas vezes não percebem, pois não têm noção de que pode ser um problema comportamental", arremata. Justamente para municiar o público leigo de informações, o médico criou o site www.comportamentoinfantil.com, em 2005. Gustavo Teixeira é especialista em psiquiatria pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-graduado em Dependência

Química pela Universidade Federal de São Paulo e em Saúde Mental Infantil pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Leia a seguir a entrevista que o psiquiatra concedeu à *Direcional Educador*.

DIRECIONAL EDUCADOR - No seu livro *Drogas - guia para pais e professores*, o senhor cita no início de cada capítulo o caso de um jovem envolvido com drogas. Como os jovens têm conseguido se livrar da dependência das drogas? Os tratamentos se mostram eficazes?

GUSTAVO TEIXEIRA - Sim, os tratamentos são eficazes. Entretanto, quando o jovem é dependente de drogas o tratamento se mostra muito trabalhoso e para ter um resultado positivo dependerá de uma intervenção interdisciplinar, envolvendo diversos profissionais para atendimento do jovem e de toda sua família. Na verdade, a melhor intervenção é a prevenção ao uso de álcool e outras drogas.

Como pais e educadores podem perceber que o jovem ultrapassou a barreira entre usuário eventual e dependente?

O dependente de drogas apresenta o que chamamos de estreitamento de repertório: ele acorda pensando em utilizar a droga, passa o dia inteiro pensando nas drogas e vai dormir pensando nisso. Ele perde o interesse pelos estudos, apresenta um prejuízo acentuado nas notas escolares, se afasta de amigos, procura por atividades solitárias e passa a ser visto com jovens usuários de drogas. Pode apresentar perda de cuidados com higiene pessoal, irritabilidade, impulsividade, nervosismo, brigas corporais, desentendimento com professores, alunos, pais. Falta escolares injustificáveis e abandono escolar ocorrem com frequência. Sintomas depressivos também podem estar presentes.

O consumo excessivo de álcool até por pré-adolescentes tem assustado muito os pais e professores. Qual deve ser a conduta do professor que percebe o uso de álcool por determinado aluno? Conversar com o jovem ou informar os pais?

O diálogo é muito importante e se mostra uma ferramenta essencial. Conversar com o aluno pode ser uma estratégia para ganhar sua confiança e tentar entender o que exatamente está ocorrendo com o estudante. Em um segundo momento, caso o uso abusivo de álcool se repita, uma conversa franca com os pais pode ser também importante.

O senhor acredita que a escola, assim como muitos pais, algumas vezes relega, ou finge que não vê, o uso de álcool ou drogas por seus alunos?

De fato isso pode ocorrer, mas, na maioria das vezes, o professor está sobrecarregado de obrigações e não tem a possibilidade de observar o problema. Quando identifica o uso ou dependência de álcool e outras drogas ele pode não conseguir "chegar" até os pais ou responsáveis do jovem. Isso ocorre porque muitos pais não

estão envolvidos com a escola. Nas palestras ou programas educacionais que aplico nas escolas costumo dizer que para um trabalho eficiente dentro da área de saúde mental infantil na escola é necessário ocorrer um "casamento" entre pais e professores. Esse diálogo e trocas de informações serão muito saudáveis para o aluno, seus pais e professores. O "casamento" entre pais e escola deve ocorrer sempre.

Como fazer um trabalho preventivo ao uso de álcool e drogas na escola, e a partir de que faixa etária esse trabalho é indicado?

Esse trabalho deve começar antes dos 10 anos de idade, visto que o início do uso de drogas tem sido cada vez mais precoce. Um trabalho eficiente de prevenção ao uso de álcool e outras drogas deve ser contínuo, o trabalho episódico não surte efeito. Portanto, para termos um resultado positivo de prevenção na escola, esse programa deve envolver todos, professores, funcionários, pais e alunos. Aulas abordando o tema, trabalhos de casa, palestras, grupos de estudo e discussões são muito importantes. O meu objetivo ao escrever o livro *Drogas - Guia para Pais e Professores* - foi oferecer uma leitura simples e objetiva para auxiliar pais e professores na abordagem eficiente do tema em casa e na sala de aula.

Em sua opinião, qual a principal dificuldade dos professores para tratar do tema em sala de aula?

As drogas são um grande tabu. Existe um medo de que se o tema for abordado, isso facilitará o uso e experimentação pelo aluno. Claro que isso não é verdade. As drogas estão muito difundidas, infelizmente, e o acesso fácil facilita o consumo. O Brasil deve ser o único país do mundo que possui um bar ou boteco a cada esquina. Outro fato importante é que, na maioria das vezes, a iniciação do uso não ocorrerá com o traficante de drogas. Essa experimentação ocorrerá com amigos de sala de aula, primos, vizinhos, irmãos mais velhos ou com os próprios pais. Portanto, falar sobre as drogas em sala de aula será muito importante. Um problema frequente também é a falta de informação. Muitos professores não sabem abordar o tema porque desconhecem o assunto e se sentem intimidados para falar dele.

O uso de drogas atinge indiscriminadamente jovens de todas as classes sociais. Há diferenças entre as drogas mais e menos usadas por jovens de escolas públicas e de escolas particulares, com estudantes de maior poder aquisitivo?

Bem, o álcool, tabaco, maconha e cocaína são muito consumidos por estudantes de escolas públicas e particulares. Algumas drogas



“Conversar com o aluno pode ser uma estratégia para ganhar sua confiança e tentar entender o que exatamente está ocorrendo com o estudante.”



“Muitos professores não sabem abordar o tema drogas porque desconhecem o assunto e se sentem intimidados para falar dele.”

como ecstasy, LSD e lança-perfume são mais utilizadas por alunos com poder aquisitivo maior, enquanto que inalantes do tipo cola de sapateiro são mais utilizadas por alunos de escolas públicas.

O senhor tem uma história pessoal de envolvimento com o esporte. Acredita no esporte como elemento capaz de afastar os jovens das drogas? Não acha por vezes que o esporte é subaproveitado nesse sentido nas escolas?

Sim, sem dúvida o esporte pode ser um grande fator de proteção ao envolvimento com álcool e outras drogas por jovens estudantes. Estudei o ensino médio nos Estados Unidos, onde pude observar a importância que é dada ao esporte nas escolas. Lá, o problema com drogas é muito grave também e o esporte se mostra uma ferramenta importante na prevenção. Os estudos demonstram que jovens que praticam esportes são mais habilidosos socialmente, apresentam desempenho acadêmico melhor, possuem uma grande rede de amigos não-usuários de drogas, auto-estima fortalecida, são mais felizes e responsáveis. O esporte é capaz de ensinar conceitos éticos, morais, de respeito mútuo, trabalho em equipe e disciplina. Todas essas características são fatores de proteção ao uso e abuso de drogas pelos estudantes.

Um jovem com tendências suicidas deixa pistas em seu comportamento? Isto é, um professor pode perceber, através do comportamento de um aluno, que ele pode tentar o suicídio? Qual a faixa etária mais atingida pelo suicídio?

Tristeza, falta de motivação para os estudos, piora do desempenho acadêmico, isolamento social são algumas pistas que podem

chamar a atenção de professores. O suicídio na adolescência é muito comum, ocorrendo principalmente entre adolescentes de 14 a 18 anos de idade, entretanto pode ocorrer em crianças também. O suicídio está intimamente ligado aos transtornos comportamentais infantis, ocorrendo principalmente em jovens vítimas de depressão. Outras condições como transtorno bipolar do humor, transtornos ansiosos, alcoolismo, uso de outras drogas, existência de arma de fogo em casa, perda dos pais na infância, instabilidade familiar, violência doméstica e rede de apoio familiar não disponível estão relacionadas com maior risco ao suicídio.

O senhor acredita que as escolas estão sabendo lidar com o fenômeno do bullying? Depois de instalado, é difícil acabar com o problema na escola?

O comportamento bullying está presente em todas as escolas, públicas ou privadas, de norte ao sul do país e em todo o mundo. Trata-se de comportamentos agressivos de um ou mais estudantes, contra outro, onde existe uma relação desigual de poder. Essa violência pode ocorrer sob a forma de agressões físicas, verbais ou violência moral, humilhações, ameaças e difamações, por exemplo. O comportamento bullying normalmente ocorre dentro da sala de aula, no recreio ou na entrada e saída da escola. Diversas estratégias podem ser utilizadas para o combate desse grave problema escolar, como programas anti-bullying. Esses programas podem ser criados nas escolas com o objetivo de oferecer orientação aos pais, professores e alunos, ajudando no desenvolvimento de estratégias para lidar com o problema e promovendo a criação de medidas de controle do comportamento. A escola deve estimular a informação e conhecimento deste comportamento a pais e alunos através de palestras, reuniões e textos explicativos. Também recomendo que sejam promovidos debates em sala de aula, estimulando o respeito mútuo entre alunos. Não se deve tolerar a prática de bullying. Denúncias do comportamento bullying devem ser estimuladas, assim como a investigação e identificação de casos de bullying. A escola deve fornecer auxílio pedagógico e psicológico aos autores e alvos de bullying e encaminhar os casos mais graves para avaliação médica com um psiquiatra da infância e da adolescência.

O senhor cita em seu livro outros transtornos comportamentais (transtorno desafiador opositivo, transtorno de conduta, TDA/H, depressão, transtorno bipolar, fobia social). Para o professor pode ser muito difícil associar o comportamento de um aluno a um desses sintomas. Como proceder, a que profissional recorrer ou encaminhar o aluno?

O profissional indicado para uma correta avaliação comportamental do aluno é o médico psiquiatra especialista na infância e adolescência. Ele será capaz de avaliar o aluno, sua família e sua escola, para uma investigação de possíveis transtornos comportamentais da infância e adolescência. ■